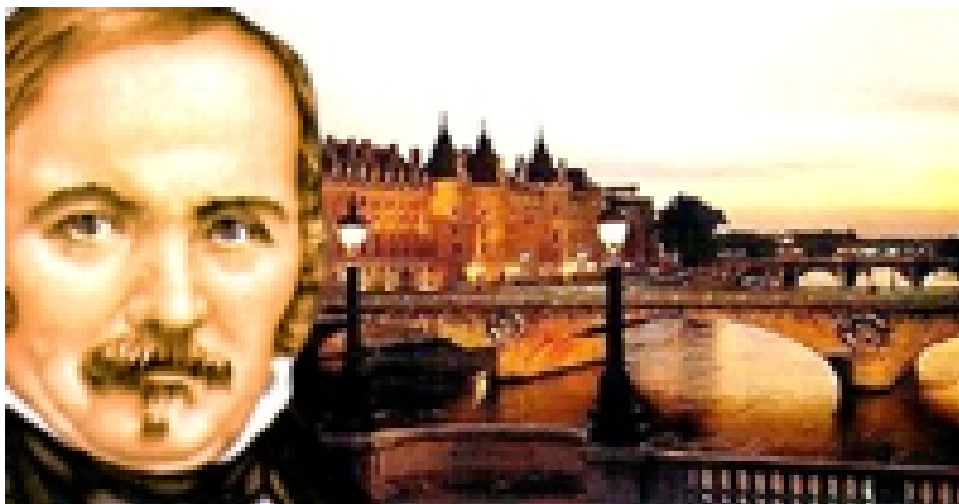




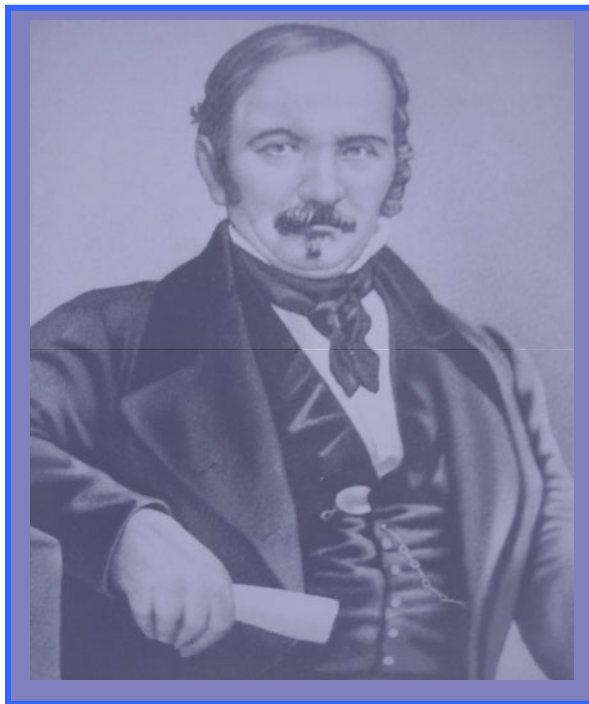
Allan Kardec

Quem foi

Rosemari

Moura Rego

ALLAN KARDEC



Nome: ***Hypolite Denizard Leon Rivail***

Obs: *Hypolite* - com apenas um “p”

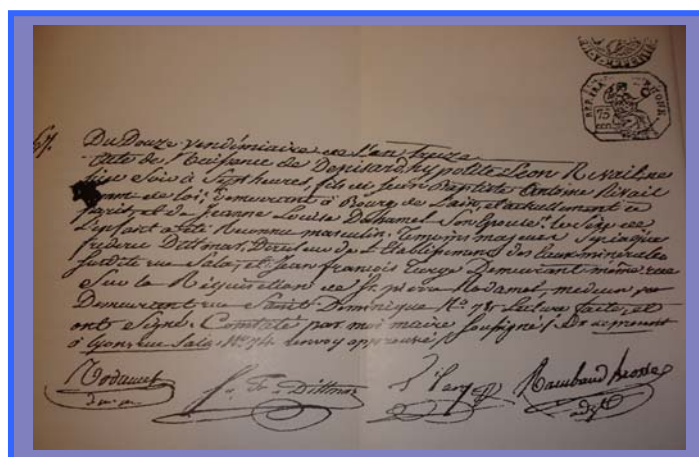
Denisard - com “s”

Leon - sem acento agudo

Livro: *Allan Kardec – Análise de Documentos Biográficos*

Autor: Jorge Damas Martins – Stenio Monteiro de Barros

Cópia da certidão de nascimento de *Kardec*:



67 Aos doze, vindimário, ano treze.

Certidão de Nascimento de Denisard, Hypolite Leon Rivail, nascido ontem à tarde, às sete horas, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail, homem de lei, morador em Bourg de L'Ain, e atualmente em Paris, e de Jeanne Louise Duhamel, sua esposa. O sexo da criança foi reconhecido como masculino. Testemunhas principais, Syriaque Frederic Dittmar, diretor do estabelecimento de águas minerais, (nota acima) na rua Sala, e Jean François Turge, morador na mesma rua. Por requisição de Pierre Rodamel, médico, morador à rua Saint Dominique nº 78. Leitura feita, e por todos assinada. Constatada por mim, prefeito, abaixo assinada /Atualmente em Lyon, rua Sala, nº 74. Nota aprovada/

Assinaturas

A Certidão de Nascimento de Allan Kardec

67 Du douze vindémiaire de l'an treize.

Acte de naissance de Denisard, Hypolite Leon Rivail, né hier soir à sept heures, fils de Jean Baptiste Antoine Rivail, homme de loi, demeurant à Bourg de L'Ain, et actuellement à Paris, et de Jeanne Louise Duhamel son épouse. Le sexe de l'enfant a été reconnu masculin. Témoins majeurs Syriaque Frederic Dittmar, Directeur de l'Établissement des eaux minérales, susdite rue Sala, et Jean François Turge demeurant même rue. Sur la réquisition de Pierre Rodamel, médecin, demeurant rue Saint Dominique, nº 78. Lecture faite, et ont signé. Constaté par moi maire soussigné / de présent à Lyon, rue Sala, nº 74. Renvoy approuvé/

Assinaturas

Certidão de nascimento de Allan Kardec

Sábio pesquisador, Canuto Abreu ensina: “em matéria de nomes próprios com vários derivados regionais ou tribais, a melhor regra é seguir a grafia do registro civil”.

Pai: *Jean Baptista Antonie Rivail* – homem de lei – (juiz)

Mãe: *Jeanne Louise Duhamel*.

Conforme *Anna Blackwell*: “Sra. *Duhamel* era uma mulher notavelmente bela, prendada, elegante e afável, a quem o filho devotava profundo afeto”

Por razões médicas a Sra. *Duhamel* se restabelecia no estabelecimento de Águas Minerais, na rua Sala, onde deu à luz *Hypolite Leon Denisard Rivail*.

Na RE (Revista Espírita), junho de 1862, Artigo “Assim se escreve a História”, *Allan Kardec* cita: para começar jamais morei em *Lyon*. Explica-se: Nasceu em *Lyon* e após o restabelecimento materno, foi para *Bourg de Lain* onde residiam seus pais. (Análise de documentos Biográficos)

Nascimento: 03/10/1904

Residência: Rua Sala, 74 – *Lyon* – França (cf. cópia da certidão)

Hora: 19 horas

Médico: *Sr. Pierre Rodamel*

Canuto Abreu (O livro dos espíritos e a sua tradição histórica e lendária) traça elegante perfil do Sr. *Rivail*:

“O esposo – *Hipolyte* em família, Professor *Rivail* na sociedade e *Hipolyte Leon Denisard Rivail* na literatura – era, desde os 18 anos, mestre colegial de Ciências e Letras e, desde os 20 anos, renomado autor de livros didáticos.

Salientou-se na profissão para qual fora aprimoradamente educado, na Suíça, pelo maior pedagogo do primeiro quarto de século XIX, de fama mundial e até hoje modelo dos mestres: *Pestalozzi*. E sucedeu ao próprio mestre, em Paris.

De cultura acima da normal, nos homens ilustres da sua idade e do seu tempo, impôs-se ao geral respeito desde moço. Temperamento infenso à fantasia, sem instinto poético nem romanesco, todo inclinado ao método, à ordem, à disciplina mental, praticava, na palavra escrita ou falada, a precisão, a nitidez, a simplicidade, dentro dum vernáculo perfeito escoimado de redundâncias.

De estatura meã, apenas 1.65 centímetros, e constituição delicada, embora saudável e resistente, o Professor *Rivail* tinha um rosto sempre pálido, chupado, de zigomas salientes e pele sardenta, castigada de rugas e verrugas. Fronte vertical comprida e larga, arredondada ao alto, erguida sobre arcadas orbitárias proeminentes, com sobrancelhas abundantes e castanhas. Cabelos lisos... repartidos, na frente da esquerda para a direita, sem topete, confundidos, nos temporais, com barbas...que lhe desciam até o lóbulo das orelhas e cobriam, na nuca, o colarinho duro de pontas coladas ao queixo. Olhos pequenos e afundados, com olheiras e pápulas. Nariz grande, ligeiramente acavaletado perto dos olhos, com largas narinas entre rictos arqueados e austeros. Bigodes rarefeitos, aparados à borda do lábio...para triangular sobre o beijo, disfarçando uma pinta cabeluda. Semblante severo quando estudava...mas cheio de vivacidade amena e sedutora quando ensinava ou palestrava.

O que ele mais impressionava era o olhar estranho e misterioso, cativante pela brandura das pupilas pardas, autoritário pela penetração a fundo na alma do interlocutor. Pousava sobre o ouvinte como suave farol e não se desviava abstrato para o vago senão quando meditava, a sós. E o que mais personalidade lhe dava era a voz, clara e firme de tonalidade agradável e oracional, que podia escalar agradavelmente, desde o murmúrio acariciante até as explosões da eloquência parlamentar.

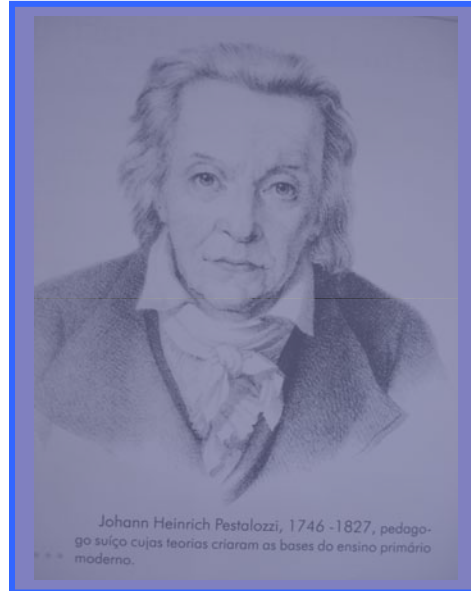
Sua gesticulação era sóbria, educada. Quando distraído, a ler ou a pensar cofiava os favoritos. Quando ouvia uma pessoa, enfiava o polegar direito no espaço entre os dois botões do colete, a fim de não aparentar impaciência e, ao contrário, convencer de sua tolerância e atenção. Conversando com discípulos ou amigos íntimos, apunha algumas

vezes a destra ao ombro do ouvinte, num gesto de familiaridade. Mantinha rigorosa etiqueta social diante das damas.”



O menino se revelou altamente inteligente e perspicaz observador, sempre compenetrado de seus deveres e responsabilidades, denotando franca inclinação para as ciências e para assuntos filosóficos.

Com 10 anos (1814) foi para a Suíça, onde completou a sua bagagem escolar no Instituto *Pestalozzi de Yverdon*, fundado e dirigido pelo célebre professor **Johan Heinrich Pestalozzi**.



Os objetivos educacionais buscados em *Yverdon* estavam:

- a liberdade de pensamento;
- a liberdade religiosa e a convivência entre diferentes credos;
- a religiosidade sem dogmas, predominantemente moral;
- a capacidade de observação empírica dos fenômenos naturais e da sociedade humana;
- o desenvolvimento da linguagem, como expressão precisa e conectada com a realidade;
- o desabrochar integral das potencialidades humanas, resumindo em mãos (ação concreta, de desenvolvimento do corpo e dos sentidos), cabeça (intelecto, reflexão, conhecimento empírico e teórico) e coração (sentimento, moralidade, religiosidade);
- a educação através do diálogo, da ação da vivência interior e da experiência prática;
- a educação do amor.

“Os alunos gozavam de grande liberdade; as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família simples, e as crianças quase não se prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem. A última hora da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre; as crianças diziam: *on travaille pour soi*, e elas podiam, a seu bel-prazer, ocupar-se de desenho ou de geografia, escrever a seus pais ou pôr em dia seus deveres”.

“Línguas, raças, crenças, culturas e hábitos diferentes ali se misturavam, aprendendo as crianças e os jovens, na vivência escolar, a lição da fraternidade, da igualdade e da liberdade”.

Pestalozzi com brilhantismo e profundidade estabelecendo uma relação dialética entre teoria e prática ensaiava as idéias na prática e teorizava a partir desses ensaios.

Com isso revelava uma preocupação científica com a educação. Era acima de tudo, um indivíduo altamente afetivo, cheio de intuição e sensibilidade.

Num de seus livros mais brilhantes: “Minhas indagações sobre a marcha do desenvolvimento da humanidade”, *Pestalozzi* anuncia a teoria dos três estados. Trata-se do estado mental, do estado social e do estado moral.

Estado material: nível dos instintos, das impressões básicas de sobrevivência.

Estado social: aquele em que entramos no momento de nossa socialização, coisa que se dá desde os primeiros agrupamentos humanos. Estado que se perpetua, porque o ser humano sempre é ser social, precisando viver com seus semelhantes. Para essa convivência criam-se regras, costumes e leis, que são mutáveis, mas têm geralmente objetivos de possibilitar a convivência harmoniosa entre os membros da sociedade.

Estado moral: além de instintivo e social o ser tem status moral. Na alma há o germe da Divindade, proclamado por Jesus.

Quando *Pestalozzi* aplica sua teoria dos três estados à religião, ele explica a religião do estado natural que é a magia, a superstição, a credence; a religião do estado social é a religião das igrejas, das instituições, das convenções. A religião do ser moral é a pura moralidade, ligação direta do homem com a divindade, sem, a necessidade de intermediações, organização e sacerdócios.

Em 12 de dezembro de 1815 ocorria o falecimento de *Ana Pestalozzi* – *Shulthess*, (mamãe *Pestalozzi* como era chamada no Instituto); o inconsolável viúvo reuniu na sala de culto, em volta do caixão todos os alunos. Ali *Rivail*, embora menino(11anos), pode sentir a dor profunda de *Pestalozzi*; certamente lhe passaram pelo espírito, dotado de invulgar precocidade, muitas interrogações para as quais só bem mais tarde teria resposta racional e convincente. *Pestalozzi* não chegou ao desespero, era fervoroso crente no amor infinito de Deus; acredita mesmo, numa vida após a morte.

O jovem *Rivail*, no qual os destinos reservariam sublima missão, logo se revelou um dos discípulos mais fervorosos do insigne pedagista suíço, já dobrado sob setenta anos de luta, realizações e decepções.

Rivail dotado de avidez de saber e de agudo espírito observador adquiriu desde cedo o hábito de observação. Por vezes, passava os dias nas montanhas mais próximas, com sacolas nas costas, à procura de espécimes para o ser herbário. Aliando a tudo isso, irresistível inclinação para os estudos dos complexos problemas do ensino.

Ali viveu *Rivail* num pequeno universo humano, que o marcou para sempre, e a figura do mestre veio a ser para ele a própria imagem do chefe que dirige e educa os homens.

Não se sabe ao certo quando *Rivail* deixou *Yverdon* de retorno à França.

Provavelmente em 1822, e foi morar na *Rua Harpa*, 117, em Paris. Um dos principais eixos da vida universitária parisiense ficava o *Liceu Saint- Louis*, estabelecimento escolar da mais florescentes e mais bem reputadas da universidade; *Rivail* encontraria assim naquele local, excelentes oportunidades para continuar suas atividades educacionais.

Rivail, ao que tudo indica, não cursou uma faculdade. Vários pesquisadores franceses e brasileiros procuraram em vão um diploma universitário. Além da bagagem trazida de *Yverdon*, que não só contava com grandes professores, mas era centro de visita e intercâmbio internacional, recebendo filósofos, educadores, e reformadores sociais, certamente *Rivail* prosseguiu os estudos como autodidata e como membro dessas sociedades. Mas todos os conhecimentos de que dispunha e buscava eram orientados pela prática educacional, com professor, diretor de escola e autor de livros didáticos e pedagógicos.

Chegando a Paris, *Rivail* logo se pôs a exercer o magistério, aproveitando as horas vagas, para traduzir obras inglesas e alemãs e para preparar o seu primeiro livro didático.

Em primeiro de fevereiro de 1823, saiu o prospecto “Curso Prático e Teórico de Aritmética”, com 16 páginas, impresso por um dos conhecidos livreiro-editores de Paris; constitui a primeira obra de cunho pedagógico. A obra era recomendada aos institutores e as mães de família, que desejassem dar a seus filhos as primeiras noções de aritmética, e primava pela simplicidade e clareza. Essa obra teve até 1876 sucessivas reedições.

Depois que chegou a Paris, *Rivail* teve a curiosidade despertada pelo magnetismo animal (*Franz Anton Mesmer*), e nos anos que se seguiram aplicaria o seu tempo, sem prejuízo de suas tarefas educacionais, no estudo criterioso e equilibrado, teórico e prático. (30 anos).

Diz *Anna Blackwell* que *Rivail* tomou parte ativa nos trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris, a mais importante da França. Soube fazer amigos nessa e naquela corrente de idéias, e um deles, o magnetizador *FORTIER*, a quem conhecia desde muito tempo, foi quem, em 1854, lhe falaria pela primeira vez das chamadas “mesas falantes”.

Tendo assim, adquirido sólidos conhecimentos de magnetismo, ciência que mais tarde, que em diferentes ocasiões demonstrou possuir em profundidade ao elaborar o corpo doutrinário do espiritismo, foi capaz de perceber logo ao início de suas observações pessoais às “mesas girantes e falantes”, a íntima solidariedade entre espiritismo e magnetismo, o que o levou a afirmar: “dos fenômenos magnéticos do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro.

Em meados de 1825 *Rivail* começa a dirigir a Escola de Primeiro Grau, primeiro estabelecimento de ensino por ele fundado em Paris e no qual as crianças recebiam instrução primária.

Em junho de 1828, lança “Plano Proposto Para Melhoramento da Educação Pública”, contém a idéia de que a educação deve ser considerada como ciência. *Rivail* condena as punições corporais, afirmando que não é a vara que se pode levar a criança a amar o trabalho e a virtude.

Em janeiro de 1831, sai a público à “Gramática Francesa Clássica”; *Rivail* expõe e explica os princípios e as regras da língua francesa, bem como as leis naturais que a regulam, de acordo com o modo por que a falaram e escreveram os melhores autores clássicos e os homens mais doutos da França. Segundo Canuto Abreu, “sólidos conhecimentos de diversas línguas mortas e vivas”, afirmando a sua reputação de professor emérito.

Em “Memória”, 1831, *Rivail* discorda da Universidade, por esta monopolizar o ensino de certas matérias, reservando-se apenas aos estabelecimentos públicos.

Na primeira metade do século XIX não foram facilitadas as crianças do sexo feminino, as mesmas oportunidades de instrução que concediam ao sexo masculino. *Rivail* não aceitou esse estado das coisas. Casado, em 1832, com *Amélie Boudet*, seus esforços em favor da educação feminina não puderam ir além de um pequeno pensionato de mocinhas, que ele e sua mulher, fundaram e dirigiram em Paris.

É possível que *Rivail* também tenha professorado nos cursos públicos de *LÉVIS-ALVARÈS*, curso freqüentado por moças em certos dias da semana, e que inauguram em Paris regime de externato feminino.

O empenho de *Rivail* pela educação feminina não decaiu no correr do tempo. Em 1847, ao ensejo de novo projeto de lei sobre o ensino, Vemo-lo apresentar sugestões num Projeto de Reforma, de sua autoria, no qual trazia a estudo interessantes proposições acerca da organização geral do ensino, em especial nos educandários para moças.

AMÉLIE GABRIELLE BOUDET

Data nascimento: 22/11/1795

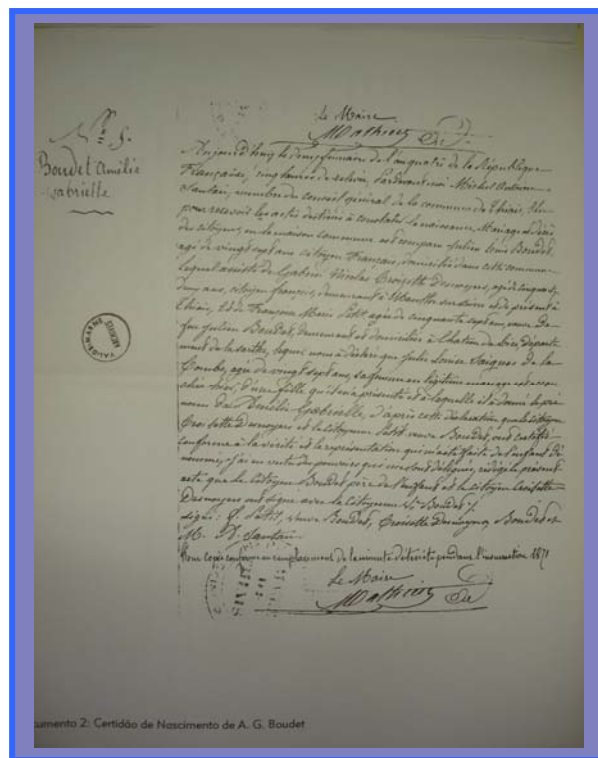
Local – Thiais – França

Pai: Julien Louis Boudet

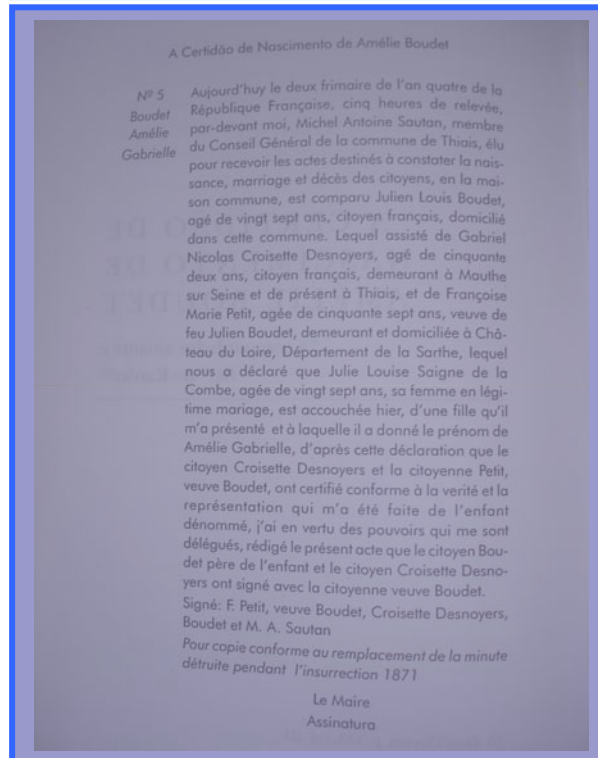
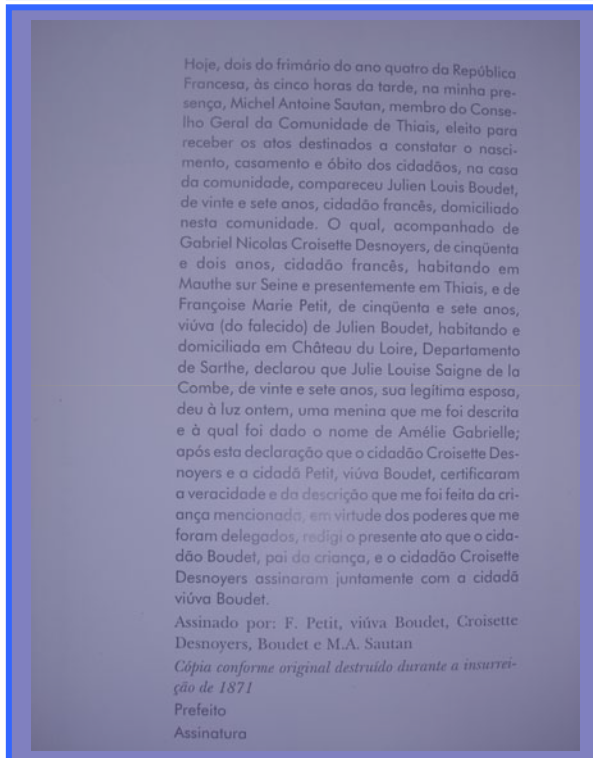
Mãe: Julie Louise Saigne de la Combe



Amélie Gabrielle Boudet em foto de 1882.



Documento 2: Certidão de Nascimento de A. G. Boudet



Segundo Canuto Abreu: “ filha única, tivera educação esmeradíssima compatível com os recursos da família. Aliando, desde cedo, grande vivacidade e forte interesse pelos estudos, ela não foi problema para os pais, que, a par da fina educação moral, lhe proporcionaram apurados dotes intelectuais. Após cursar a escola primária, estabeleceu-se em Paris com a família, ingressando numa Escola Normal, de onde saiu diplomada em professora de primeira classe”.

Vivendo em Paris, no mundo das letras e do ensino, quis o destino que um dia a Srta. Amélie Boudet deparasse com o Prof. Hipolyte Leon Denisard Rivail.

De altura baixa, mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando penetração de espírito, Amélie Boudet, aliando ainda a todos esse predicados um sorriso terno e bondoso, logo se fez notar pelo circunspecto Prof. Rivail, em quem reconheceu, de imediato, um homem, verdadeiramente superior.”

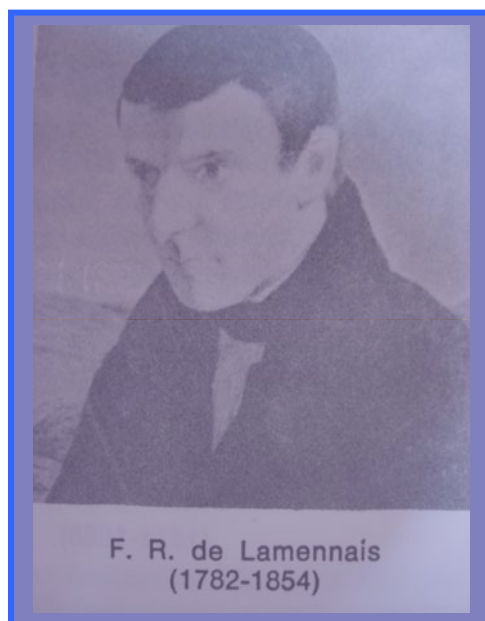
Ela tinha nove anos a mais do que ele, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos.

Residência: Instituto Técnico *Rivail*, Rua *Sèvres* 35, Paris



De 1843 a 1848, *Rivail* deu também cursos públicos de matemáticas e astronomia.

Em 1831 surgiram em Paris três grandes vultos do catolicismo liberal, *Montalembert*, *Lamennais* e *Lacordaire*, que empreenderam movimentada campanha contra o monopólio da universidade, propugnando pelo princípio da liberdade de ensino.



Manifestando hostilidade ao desenvolvimento da instrução popular o ministro *Fortoul* delimitou o número de alunos gratuitos nas escolas primárias, fato que foi frontalmente de encontro aos ideais de muitos mestres, entre eles, *Rivail*, que sempre propugnara pela maior expansão da educação popular. Não houve mais campo nem condições que permitissem ao professor *Rivail* retomasse suas atividades no ensino, durante esta primeira fase do segundo império que foi até 1860. De 1851 a 1854, justamente os anos mais opressivos, quando, por simples desconfiança se dava à invasão policial de estabelecimentos escolares, a índole e o caráter de *Rivail* impediram-no de voltar às atividades pedagógicas. Nesse meio tempo, infausto acontecimento veio aumentar-lhe as aflições. Por volta de 1852-1853 sua percepção visual diminuirá sensivelmente a ponto de não poder ler nem escrever e de não reconhecer as pessoas as quais estendia a mão. Parecia caminhar rapidamente para a cegueira. RE – 1862 “Doutor L., professor de clínica para moléstia nos olhos o qual, após exame muito atento e muito consciencioso, declarou que eu sofria de “*amaurose*” e que só me cabia resignar-me. Fui ver uma sonâmbula que me disse não se tratar de “*amaurose*”, mas de apoplexia nos olhos, que poderia degenerar em “*amaurose*” se não fosse cuidada convenientemente. Ela declarou responder pela cura dizendo: em quinze dias experimentareis ligeira melhora; em um mês começareis a ver, e em dois ou três meses estareis são”. Tudo realmente se passou tal qual a sonâmbula havia predito. Assistido, sem dúvida, por Espíritos superiores, *Rivail* teve a visão completa e definitivamente restabelecida, e pelos anos afora, desde a sua convocação pelo Alto até seu desenlace os olhos lhe foram quais janelas abertas que lhe possibilitaram erigir a monumental obra do Consolador.

Em meados de julho de 1848 aparecia o “Catecismo Gramatical da Língua Francesa”, destinada as crianças do primeiro ciclo primário. Clareza e simplicidade são os principais méritos desta obra. *Rivail* evidencia mais uma vez o seu admirável espírito didático quanto à transmissão de conhecimento.

De cultura vasta, *Rivail* ensinou, com exceção da Sociologia, todas as chamadas ciências fundamentais de *Augusto Comte*. Ensinou, também, Lógica e Retórica, além de outras matérias, como por exemplo, anatomia comparada e fisiologia.

Poliglota, conhecia bem o alemão, o inglês, o holandês, assim como eram sólidos seus conhecimentos do latim e do grego, do gaulês, e de algumas línguas novilatinas nas quais se exprimia corretamente.

Logo no limiar dos seus estudos espíritas, *Rivail* conheceu aquele que seria um dos mais famosos dramaturgos franceses, *Victorien Sardou*, o encontro entre os dois se deu na casa do Sr. *Roustan*, onde a Senhorita *Japhet* recebia excelentes comunicações mediúnicas.

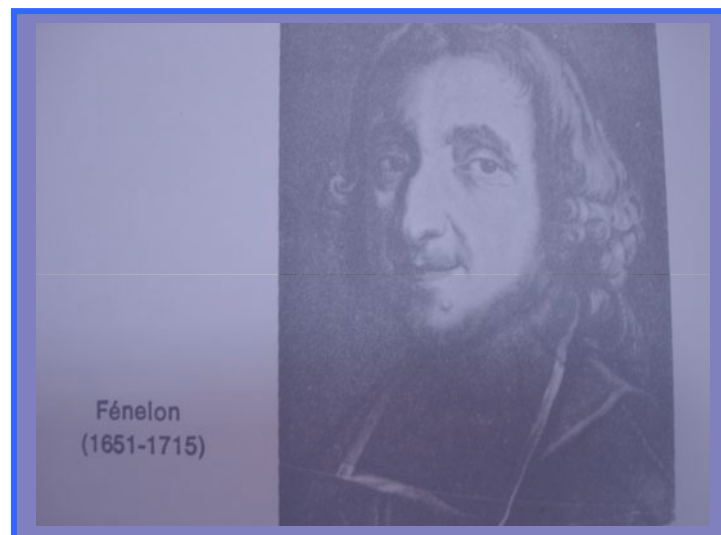
Sardou tornou-se grande amigo de *Rivail* e, pouco mais tarde, revelava-se como médium, de que deram mostra os desenhos estampados na RE de 1858.

O ano de 1834 foi o último ano vivido pela Instituição, antes que as portas fossem cerradas.

RE – 1864: “Para instruir a infância é preciso grande tato e muita experiência, pois não se imagina o alcance que pode ter uma unia palavra imprudente, a qual, do mesmo modo que um grão de erva daninha, germina nessas jovens imaginações como em terra virgem”. “A fonte das qualidades se encontra nas impressões que a criança recebe ao nascer, talvez antes”.

Para o idioma germânico *Rivail* trasladou autores clássicos da França, especialmente os escritos de *Fenelon* (*François de Salignac de la Mothe* 1651/1715); como pedagogo e moralista, *Fenelon* teve incontestáveis qualidades, sendo muito apreciado por *Voltaire* e *Rousseau*. *Fenelon* escreveu o belo “*Telêmaco*” (1699), um dos livros mais populares e admiráveis da literatura francesa. “*Telêmaco*”, espécie de epopéia em prosa poética, verdadeiro código de moral principesca; preparava o futuro rei *Luis XIV*, transformando-lhe o caráter agressivo e vicioso levando-o, pela ficção das inúmeras experiências de uma longa viagem, a acautelar-se contra o luxo e os prazeres excessivos, contra a lisonja, as tentações do despotismo, o espírito de conquista, a ambição e a guerra.

Essa obra de *Fenelon* ecoou fundo na alma do talentoso educador *Rivail*, tanto que ele a distinguiu entre os demais; é possível que “*Telêmaco*”, tenha, certos aspectos, aprimorado o espírito de *Rivail*, pra que, mais tarde, o colocaria como codificador de uma doutrina que viria revolucionar o pensamento religioso, filosófico e científico, no que diz respeito ao ser humano integral.



Durante trinta anos, 1819 a 1850, muitas vezes se sobrepondo as incompreensões e aos reveses, *Rivail* empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem número de crianças e jovens parisienses.

Toda essa fase existencial de *Rivail*, bem como a seguinte, sofreram a influência dos ensinamentos colhidos no Instituto de *Yverdon*.

As insólitas manifestações de *Hydesville* (USA) surgidos na residência das **irmãs FOX**, em fins da metade do século XIX rapidamente foram tomando terreno...pareciam ter adquirido movimento autônomo nos pontos mais distantes do mundo.



IRMÃS FOX

Margaret, Kate e Leah

Surgiu a época das “mesas girantes e falantes” que se tornou epidemia no mundo.



“MESAS GIRANTES E FALANTES”

Em fins de 1854, o Sr. *Fortier*, magnetizador com quem *Rivail* mantinha relações, lhe trouxe a estranha nova: as mesas “falavam”; isto é, interrogadas, respondiam qual se fossem seres inteligentes.

Rivail, possuidor daquela lógica austera e daquele senso que abriga o espírito de entusiasmos desarrazoados, e de negações *a priori*, ouviu tudo o que o amigo lhe contava e respondeu, como verdadeiro homem da razão científica: “Só acreditarei quando o vir, e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possam tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não vejo no caso mais do que um conto da carochinha”. RE (Revista Espírita) – 1858

A propósito da notícia veiculada, pelo Sr. *Fortier*, o ilustre professor faria este comentário adicional: “Eu ainda nada vira, nem observara; as experiências realizadas na presença de pessoas honradas e dignas de fé confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente”. (*Jean Vartier – Alan Kardec, la naissance du spiritisme*)

Conforme assinalara a escritora inglesa *Ana Blackwell*, que o conheceu de perto, aquele espírito ativo e tenaz era precavido até quase a fíez, céptico por natureza e por educação.

Foi, portanto, como racionalista estudioso, emancipado do misticismo, que ele pôs a examinar os fatos relacionados com as mesas falantes: “Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refolhos; busquei explicar-lhe tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma, sem lhe conhecer o como e o pôrquê”.

Em maio de 1855, convidado para assistir uma reunião na casa da Sra. *Plainemaison*, ali presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, “em condições tais” – depõe ele mesmo – “que não deixavam margem a qualquer dúvida”. Viu, ainda, as respostas inteligentes que, por meio de pancadas a mesa fornecia, e assistiu a alguns ensaios de escrita mediúnica numa ardósia com o auxílio do primitivo processo da “cesta-de-bico” descrita em “O Livro dos Médiuns”.

Os fatos posteriormente observados por *Rivail*, em 1855, com diferentes médiuns, foram de tal ordem que o perspicaz professor sentiu que algo de momentoso se estaria passando: “entrevi naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim investigar a fundo”.

Continuando a freqüentar a casa da Sra. *Plainemaison*, efetuou observações cuidadosas, repetiu experiências, até que encontrou nas sessões da família *Baudin*, o ambiente ideal para prosseguir seus estudos.

Em 1856, as sessões realizadas na casa do Sr. *Baudin* atraíam seleta e numerosa assistência. O médium principal que lhe servia de intérprete era Srta. *Caroline Baudin* (16anos), uma das filhas do dono da casa, médium inteiramente passiva. Sua irmã *Julie Baldin*, com 14 anos, também colaborava. O meio mecânico usado durante muito tempo, fora à cesta de bico.

Allan Kardec, ele mesmo, rememorando certos fatos históricos, assim os descreveu: “Em 1856 acompanhei também as sessões espíritas do Sr. *Roustan*, onde morava a menina *Japhet*, sonâmbula. Essas reuniões eram sérias e ordeiras. As comunicações se davam, por intermédio da Srta. *Japhet*, médium, pela corbelha de bico. Os Espíritos me prescreveram nas reuniões do Sr. *Baudin*, a completa revisão da obra em entrevistas particulares, para se fazerem todas as adições e correções que eles julgassem necessárias. Ocorreu-me a idéia de fazer do livro em preparo objeto de estudo nas sessões do Sr. *Roustan*. Logo após a leitura das primeiras linhas os Espíritos disseram que preferiam revê-lo na intimidade, e me designaram com esse fito certos dias para trabalhar em particular com a Srta. *Japhet*. Foram os próprios Espíritos que designaram dias e horas para suas lições.

Diante de fatos, pode *Rivail* concluir pela origem extraterrena dos numerosos manifestantes, a revelarem a sua condição de Espírito, de almas daqueles que já tinham vivido na Terra identificando-se de mil maneiras.

Observando, comparando e julgando os fatos, sempre com cuidado e perseverança, concluiu que realmente eram os Espíritos daqueles que morreram a causa inteligente dos efeitos inteligentes e deduziu as leis que regem esses fenômenos, deles extraindo admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança e de solidariedade universal.

É *Kardec* quem nos diz os seus temores ante a relevância da revelação que a espiritualidade vinha trazer a Terra: “compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspecção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir”.

Rivail começou a levar para as sessões uma série de perguntas sobre problemas diversos, às quais os Espíritos comunicantes respondiam com precisão, profundidade e lógica. “Mais tarde – escreveu ele depois – quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinamentos recebidos para instrução de toda gente”.

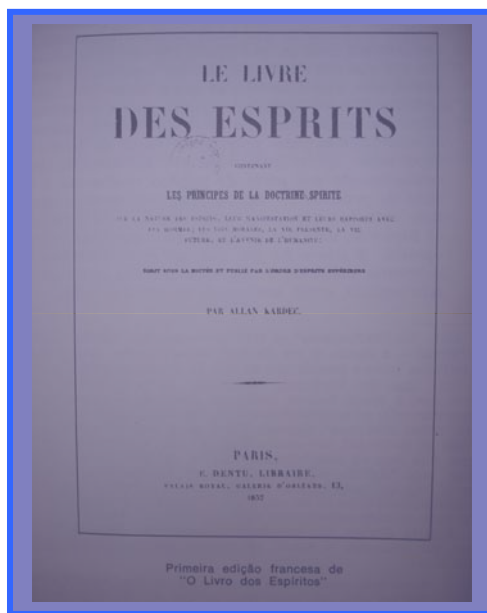
Em 30 de abril de 1856, na casa do Sr. *Roustan*, a médium Srta. *Japhet*, utilizando das cestas, transmitiu a *Rivail* a primeira revelação positiva da missão que teria de desempenhar.

É uma página emocionante na história da vida de *Rivail*. Humilde, sem compreender a razão de sua escolha para missionário de uma doutrina que revolucionária o pensamento científico, filosófico e religioso, pareceu duvidar. Mas o Espírito Verdade lhe respondeu: “confirmo o que foi dito, mas recomendo-te discrição, se quiseres te sair-te bem. Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que hora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro de substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem”. *Kardec* afirma “a proteção deste Espírito (Espírito Verdade), cuja superioridade eu estava então longe de imaginar, com efeito, jamais me faltou”.

Allan Kardec afirmou: “este livro é compêndio de seus ensinamentos; foi escrito por ordem e sob ditado de Espíritos superiores para estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita, imune de erros e prejuízos, não encerra nada que não seja expressão do pensamento deles e não haja passado por seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, bem como a forma literária de algumas partes da redação, constituem o único trabalho daquele que recebeu missão de publicá-lo”.

Rivail prosseguiu com devotamento exemplar seus estudos acerca da comunhão entre o mundo dos desencarnados e dos encarnados...”conduzi-me com os Espíritos, como houvera feito com os homens. Para mim, eles foram do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados. Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. **OBSERVAR, COMPARAR E JULGAR, ESSA A REGRA QUE CONSTANTEMENTE SEGUI”.**

A **PRIMEIRA EDIÇÃO** de “**O Livro dos Espíritos**” era com 176 páginas de texto e apresentava o assunto distribuído em duas colunas. 501 perguntas e respectivas respostas estavam contidas nas três partes em que então se dividia a obra: “doutrina espírita, leis morais, esperanças e consolações”.



PRIMEIRA EDIÇÃO de “O Livro dos Espíritos”

“No momento de publicá-lo – diz *Henri Sausse* – o autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinar, se com o seu nome, ou com um pseudônimo. Sendo seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude de seus trabalhos anteriores e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome *Allan Kardec*, nome que, segundo lhe revelara o guia ele tivera ao tempo dos druidas”.

Sausse explica, noutro lugar de sua obra, que *Zéfiro*, o Espírito protetor de *Rivail*, é quem fez a revelação acima, tendo *Zéfiro* acrescentado que ambos viveram juntos nas Gálias, unindo-os, desde então, uma amizade que os séculos fortaleciam ainda mais.

“Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela devia compor-se de todas as questões que ali não couberam, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos fizessem nascer; mas como são todas relativas a algumas partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma seqüência. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para fundir tudo junto, e aproveitamos o ensejo para empregar na distribuição dos assuntos uma ordem bem mais metódica, ao mesmo tempo que suprimimos tudo o que fosse repetição inútil. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, se bem que os princípios não hajam sofrido alteração alguma, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios exarados, apesar da diversidade das fontes de que nos servimos, é fato

importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência demonstra, mesmo, que comunicações, perfeitamente idênticas, senão na forma, pelo menos no fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isto bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular”.

Esta nova parte, que os Espíritos adiaram e sairia em publicação isolada, separada, aguardou a reimpressão da obra para aí se fundir e assim formar a Segunda Edição; aquela que se tornou à definitiva, passando a ser adotada e seguida em todo o mundo espírita.

ORGANIZAÇÃO E MÉTODO EMPREGADO POR ALLAN KARDEC REVISTA ESPÍRITA – ABRIL – 1864 CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS

“Se a doutrina fosse uma concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes de quem a tivesse concebida. Ora, ninguém aqui poderia ter a pretensão fundada de possuir, ele só, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um só homem, nada garantiria a sua origem, pois seria preciso crer sob palavra naquele que dissesse ter recebido seu ensino.”

“Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica. Eis por que encarregou os Espíritos de a levar de um ao outro pólo, manifestando-se por toda a parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra.”

“Se tivessem tido um interprete único, por mais favorecido que fosse, O Espiritismo seria apenas conhecido; esse mesmo interprete, fosse de que classe fosse, teria sido objeto de prevenções de muita gente; nem todas as nações o teriam aceitado, aos passo que os Espíritos se comunicam por toda a parte, a todos os povos, a todas as seitas e partidos, sendo aceito por todos.”

“Essa universalidade do ensino dos Espíritos constitui a força do Espiritismo.”

“Saber-se que os Espíritos por força da diferença existente em suas capacidades, estão longe de estar individualmente na posse de toda a verdade...”

“Disso resulta que, para tudo quanto esteja fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter tem **UM CARÁTER INDIVIDUAL**, sem autenticidade; que levam ser consideradas como **OPINIÕES PESSOAIS DE TAL OU QUAL ESPÍRITO**, e que seria imprudente aceitá-las e promulgá-las levemente como verdades absolutas.”

“O primeiro controle é, sem sombra de dúvida, o da razão, à qual é preciso submeter, **SEM EXCEÇÃO**, tudo o que vem dos Espíritos. Toda a teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja a sua assinatura, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, por força da insuficiência das luzes de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a seu próprio julgamento por único árbitro da verdade.”

“A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle; mas ainda é preciso que ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga, ele próprio, a vários Espíritos sobre um ponto duvidoso.....também não há garantia suficiente na conformidade obtida pelos médiuns de um mesmo centro, pois podem sofrer a mesma influência. A ÚNICA SÉRIA GARANTIA ESTA NA CONCORDÂNCIA QUE EXISTA ENTRE REVELAÇÕES ESPONTÂNEAS, FEITAS POR GRANDE NÚMERO DE MÉDIUNS ESTRANHOS UNS AOS OUTROS EM EM DIVERSAS REGIÕES.”

“Esse controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, será procurado o critério da verdade. O que fez o sucesso da doutrina formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns é que por toda a parte cada um pode receber dos Espíritos, diretamente, a confirmação do que eles encerram.”

“Ressalta, ainda, que as instruções dadas pelos Espíritos sobre pontos da doutrina ainda não elucidados, não poderia constituir lei, enquanto ficassem isoladas.

Conseqüentemente, não devem ser aceitas senão com todas as reservas e título de informação.

Daí a necessidade de dar à sua publicação a maior prudência; e, no caso se julgasse dever publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, ou mais ou menos prováveis, mas tendo, em todo o caso, necessidade de confirmação. É essa confirmação que se deve esperar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se senão quiser ser acusado de leviandade ou irrefletida credulidade”.

“Não é a opinião de um homem que se aliarão, é a voz unânime dos Espíritos; não é um homem nem nós mais que outro, fundará a ortodoxia espírita; também não é um Espírito vindo impor-se a quem quer que seja: é a **UNIVERSALIDADE DOS ESPÍRITOS**, comunicando-se por toda a terra, por ordem de Deus. Aí está o caráter **ESSENCIAL** da doutrina espírita; aí está a força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse numa base inabalável, e, por isso, mão assentou sobre a cabeça frágil de um só.”

Salientando, que não é o fundador, criador ou inventor da filosofia espírita, *Kardec* reafirma em sua obra “O que é o Espiritismo”, editada em 1859:

“Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital: que os últimos são todos obras dos homens mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio. Diz-se a filosofia de *Platão*, de *Descartes*, de *Leibnitz*; nunca se poderá dizer: a doutrina de *Allan Kardec*, e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos”.

Allan Kardec faz em 1863, uma análise geral das comunicações mediúnicas que lhe vinham às mãos, de todas as partes. Diz então que mais de 3.600 examinadas e classificadas, das quais 3.000 são de uma moralidade irreprochável. Desse número, considera publicáveis menos de 300, embora 100 sejam de mérito excepcional. Quanto aos manuscritos e trabalhos de grande fôlego, que lhe remeteram, sobre 30 só achara 5 ou 6 de real valor. E ele comenta: “No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons escritores são raros”.

Disse *Kardec*: “Já dissemos centenas de vezes que o Espiritismo está na Natureza e é uma das forças da Natureza. Os fenômenos dele decorrentes deveriam ter-se produzido em todos os tempos e com todos os povos, interpretados, comentados e vestidos de acordo com os costumes e o grau de instrução de cada um”.

Kardec: Os Espíritos são o que são, e não podemos alterar a ordem das coisas. Não sendo todos perfeitos, só lhes aceitamos as palavras reservando-nos o direito de verificá-las e não com a credulidade das crianças. Julgamos, comparamos, extraímos conseqüências das nossas observações, e os próprios erros são ensinamentos para nós, porquanto **NÃO RENUNCIAMOS AO NOSSO DISCERNIMENTO**.

Saibam, pois aqueles que nos supõem uma credulidade, tão pueril, que consideramos toda opinião **EXPRESSA POR UM ESPÍRITO COMO UMA OPINIÃO PESSOAL; QUE NÃO A ACEITAMOS SENÃO APÓS TÊ-LA SUBMETIDA AO CONTROLE DA LÓGICA E DOS MEIOS DE INVESTIGAÇÃO A NÓS FORNECIDA PELA PRÓPRIA CIÊNCIA ESPÍRITA, MEIO QUE TODOS VÓS CONHECEIS.**”

A razão é que **NÃO ACEITAMOS NENHUM FATO COM ENTUSIASMO**; examinamos friamente as coisas antes de aceitá-las, tendo-nos a experiência ensinado quanto devemos desconfiar de certas ilusões.”

Conselho do Espírito São Luis para *Kardec*: “Por mais legítima que seja a confiança a vós inspirada pelos Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma **RECOMENDAÇÃO, NUNCA DEMAIS REPETIDA**, que sempre deveis ter presente no pensamento, quando vos dedicardes aos vossos estudos: **TUDO PESAR E AMADURECER; SUBMETER AO CONTROLE DA MAIS SEVERA RAZÃO TODAS AS COMUNICAÇÕES QUE RECEBERDES; NÃO DEIXAR DE PEDIR, DESDE UMA RESPOSTA VOS PAREÇA DUVIDOSA OU OBSCURA**, os esclarecimentos necessários para vos consolidar.”

Allan Kardec presenciou inúmeros fenômenos físicos, e procurava extrair ensinamentos de efeitos físicos, e por meio de médiuns psicográficos fazia inúmeras perguntas aos Espíritos, cujas respostas esclareciam muitas obscuridades ou confirmavam partes essenciais da doutrina.

“Nunca seria demais repetir - acentuou ele - que para bem conhecer uma coisa e dela fazer idéia isenta de ilusões, é mister apreciá-la sob todos os aspectos, do mesmo modo que o botânico só pode conhecer o reino vegetal observando desde o humilde criptograma, oculto sob o musgo, até o carvalho que se eleva aos ares”.

Na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, havia um jovem e extraordinário médium, de nome *ADRIEN*, vidente, escrevente, auditivo e sensitivo. Cita *Kardec*: “Sua faculdade e sua complacência foram postas em benefício de nossa instrução, quer na intimidade ou nas sessões da Sociedade, quer, em visita a diversos locais de reunião.

Temos estado juntos nos teatros, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; temos assistido a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões.

Em toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham reunir-se, estabelecemos conversação com alguns deles, interrogamo-los e aprendemos muitas coisas, que serão úteis aos nossos leitores, porque o nosso objetivo fazê-los penetrar, conosco, nesse mundo que nos é tão novo.”

Allan Kardec estudou a escrita direta que podia ser obtida sem a presença do lápis junto ao papel em branco. Sobre este, dobrado ou não, apareciam, ao cabo de algum tempo, os caracteres, traçados com uma substância qualquer, não fornecida ao Espírito. Conhecedor de todos os truques que podiam fraudar esse fenômeno, pôde *Kardec* confirmar as autenticidades das experiências do Sr. *DIDIER* (livreiro de Paris), levando as pesquisas a ponto de examinar ao microscópio os caracteres postos na folha pelo Espírito. Viu, então, que a substância de que ele são feitos, com todas, as aparências de *PLUMBAGINA*, e facilmente apagável pela borracha, “não é incorporada ao papel, mas simplesmente às certas cristalizações.”

NOTA: *PLUMBAGINA*- substância encontrada em raízes de diversas plantas do gênero *plumbago*. *PLUMBAGO* - plantas nativas de regiões tropicais e subtropicais, algumas cultivadas como ornamentais e / ou para a extração de *plumbagina*, uma substância bactericida. Ex: *Dentelária* e a *Bela Emília*. (dicionário *HOUAISS*).

Vê-se por esta amostra, o cuidado com que *Kardec* examinava os fatos, a fim de descobrir os processos íntimos de sua produção.

Em 1859, realizou curiosas experiências através de evocações dos Espíritos de pessoas vivas, o que permitiu a ele obter informações e esclarecimentos preciosos. Para esse gênero de pesquisa, espontaneamente se ofereceram alguns membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

O fenômeno de transporte, que consiste em trazer espontaneamente um objeto pelos Espíritos, inexistente no lugar onde as pessoas se reúnem, já era, havia muito tempo, conhecido de *Allan Kardec*, por intermédio de relato de terceiros.

Mas em fevereiro de 1861, pôde testemunhar o fenômeno, obtido através da médium e sonâmbula Srta. V.B.

Tomadas todas as precauções contra a fraude, presenciou o transporte de anel, flores e bombons. A sua curiosidade não se limitava a ver. Como sempre, ia mais longe e, evocando os Espíritos, fazia-lhes numerosas perguntas, com o fim de aprender e esclarecer-se. No caso presente, o Codificador dirigiu 38 perguntas aos Espíritos Superiores.

Em 1867, no artigo “A lei e os médiuns curadores”, *Allan Kardec* focalizou a “cura” em virtude de um processo movido contra um ex-cozinheiro de Paris, que diziam ter feito curas extraordinárias, por meio da prece e da imposição das mãos.

“As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que apenas é uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; e pela prece, que é uma magnetização mental com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização – são passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina.”

Kardec esclarece que tais processos condena-se, às vezes, por “delito de trapaça” e abuso de confiança, quando o curador tira proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado, sob a forma de retribuição facultativa.

Em março de 1869, *Kardec* realiza importante estudo acerca das íntimas relações entre o Espírito e o organismo físico.

“Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro ela deve reagir igualmente sobre outras partes do organismo. **O ESPÍRITO É, ASSIM, O ARTÍFICE DO SEU PRÓPRIO CORPO**, que ele afeiçoa, por assim dizer, a fim de **APROPRIÁ-LO ÀS SUAS NECESSIDADES, E A MANIFESTAÇÃO DE SUAS TENDÊNCIAS.**”

“A carne é fraca porque o Espírito é fraco, o que deita por terra a questão, e deixa o Espírito a responsabilidade de **TODOS OS SEUS ATOS.**”

A carne, que não é pensamento nem vontade **JAMAIS PREVALECE SOBRE O ESPÍRITO, QUE É O SER PENSAnte E DE VONTADE PRÓPRIA**; é o Espírito quem dá a carne às qualidades correspondentes a seus instintos como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio.”

Sob o título “Da Homeopatia nas Enfermidades Morais”, *Kardec*, após várias considerações de ordem fisiológica e filosófica conclui “um medicamento qualquer não tendo poder de agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem lhe tirar o que tem; mas agindo sobre o órgão de transmissão do pensamento, pode facilitar esta transmissão sem que, por isso, nada seja mudado no modo de ser do Espírito.

Em julho de 1868, satisfazendo os constantes pedidos, *Kardec* faz longo e minucioso estudo quanto à concordância dos números.

“Por várias vezes nos perguntaram o que pensamos da concordância dos números, e se acreditamos no valor dessa ciência. Nossa resposta é simples: até o momento nada pensamos a respeito, porque jamais nos ocupamos com isso. É certo que vimos alguns fatos de concordâncias singulares entre datas de certos acontecimentos, mas em pequeníssimo número para daí se tirar uma conclusão aproximada.

Para dizer a verdade, não vemos a razão de tal coincidência; mas, porque não se compreende uma coisa, não é motivo para que ela não exista. A natureza não disse a última palavra e, o que hoje é utopia, poderá ser verdade amanhã. Há fatos acerca das quais temos opinião pessoal; no caso presente, não temos nenhuma, e se nos inclinarmos para um lado, seria pela negativa, até prova em contrário.”

Em 1862, *Kardec* no artigo Estudo acerca dos possesores de *MORZINE*, realizou longa e profunda análise das causas da obsessão e dos meios de combater esse mal.

“O que um Espírito pode fazer a um indivíduo, vários podem fazê-lo sobre diferentes indivíduos, simultaneamente, e dar a obsessão caráter epidêmico”.

Tanto o assunto lhe interessou que escreveu 5 artigos.

Fala-nos *Kardec* em 1865:

“...a ninguém lisongecemos para obter adesões à nossa causa; deixamos que as coisas sigam o seu curso normal, ciente de que, se a nossa maneira de ver e fazer não for boa, nada a fará prevalecer. Sabemos muito bem que, por não termos incensado certos indivíduos, os afastamos de nós, e eles se voltaram para o lado de onde vinha o incenso”.

“Temos consciência de que, em toda nossa vida, nunca devemos nada à adulação nem à intriga, razão por que não acumulamos grande coisa, e não é com o Espiritismo que começaríamos.”

“Louvamos com alegria os fatos realizados, os serviços prestados, porém jamais, por antecipação, os serviços que possam prestar ou que prometeram prestar.”

“Quando cessamos de aprovar, não censuramos; guardamos o silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-los.”

“Perguntam-nos freqüentemente por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas dirigidas contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, às vezes, contra nós mesmos. cremos que, em certos casos, o silêncio é a melhor resposta. Há, por outro lado, um gênero de polêmica que nos impomos a norma de abster-nos: é a que pode degenerar em personalismo. Ela não só nos repugna, como tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, além do que seria bem pouco interessante para os nossos leitores, que assinam o jornal para se instruírem, e não para

ouvir diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez embrenhado nesse caminho, dele seria difícil sair; eis por que preferimos aí não entrar, e julgamos que assim o Espiritismo só terá a ganhar.”

Auto-de-fé de Barcelona

O famoso escritor e editor francês *MAURICE LACHÂTRE* achava-se refugiado em Barcelona, condenado que fora a 5 anos de prisão pelo regime de Napoleão III, por ter editado o célebre “Dicionário Universal Ilustrado”. Profundo admirador de *Allan Kardec*, solicitara dele uma certa quantidade de obras espíritas para expô-las à venda e propagar.



MAURICE LACHÂTRE

Às obras remetidas a *Lachâtre*, em número 300 foram expedidos em 2 caixas, com todos os requisitos legais indispensáveis. A liberação estava prestes a ser dada, quando uma ordem superior a suspendeu, com a declaração de que se fazia necessário o consentimento expresso do bispo de Barcelona, *Antônio Palau Termens*. Ele concluiu a perniciosidade dos livros, logo ordenando que fossem **lançados ao fogo**, por serem “imorais e contrários à fé católica.”



Auto de Fé

Em 0/10/1861 a inquisitorial cerimônia se efetuou, justamente no local onde eram executados os criminosos à pena de morte.

Em 1861 *Kardec* escreveu admirável artigo sobre esse auto-de-fé: “A perseguição foi sempre vantajosa à idéia que se quis proscrever; por esse meio exalta-se à importância da idéia, chama-se a atenção para ela, e faz-se que seja conhecida daqueles que a ignoravam.” “Podem queimar os livros, mas não queimaram as idéias.”

ALLAN KARDEC – III PARTE



Mesa de trabalho de
ALLAN KARDEC

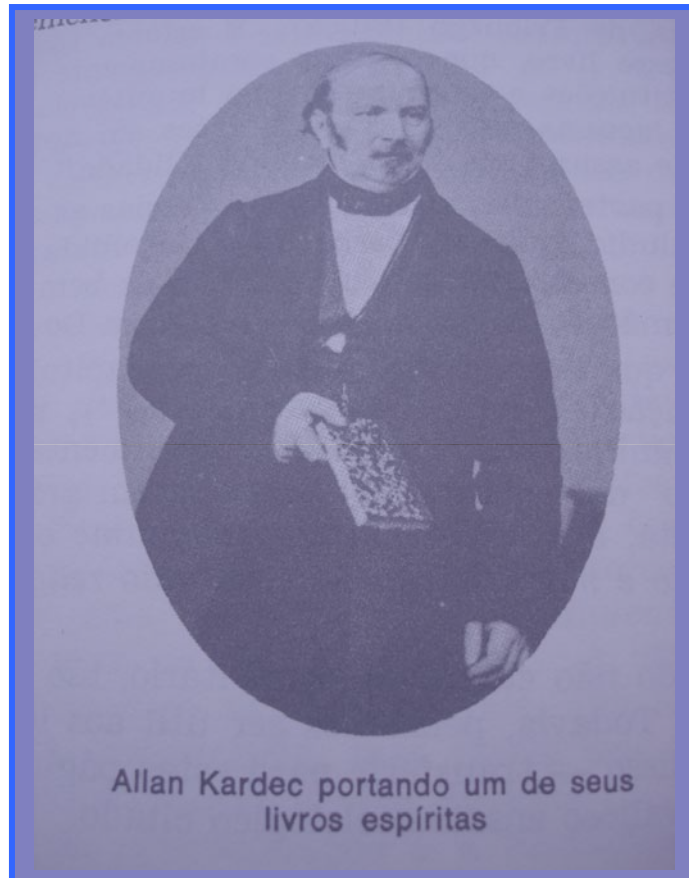


Exposição Congresso Mundial Espírita
2004

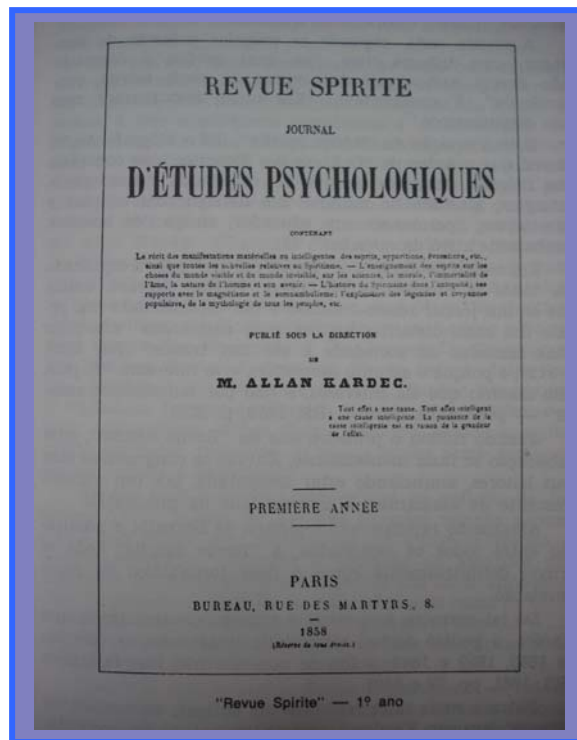
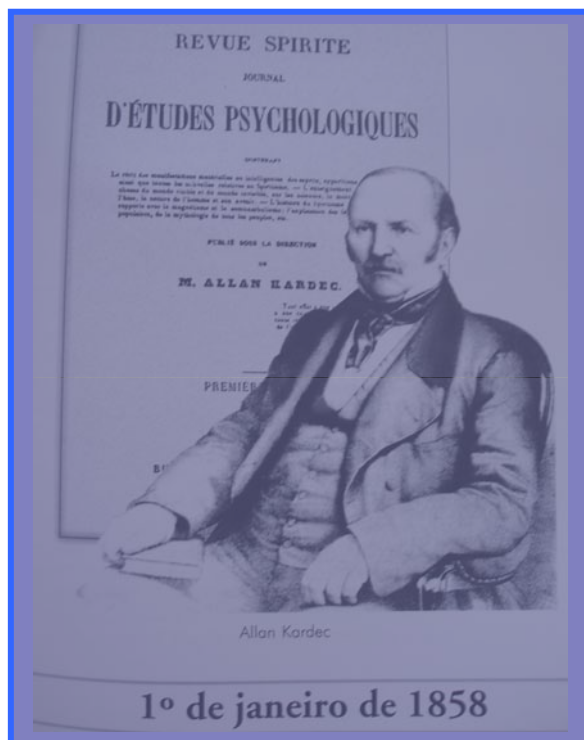
OBRAS ESPÍRITAS DE ALLAN KARDEC

1. **O Livro dos Espíritos** – 1857
2. **Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas** – 1858
3. **O que é o Espiritismo** – 1859
4. **Carta sobre o Espiritismo** – 1860
5. **O Livro dos Médiuns** – 1861
6. **Definições Espíritas** - 1861
7. **O Espiritismo na sua expressão mais simples** – 1862
8. **Viagem Espírita** – 1862
9. **Resposta à mensagem dos espíritas lioneses por ocasião do Ano Novo** – 1862

10. **Resumo das leis dos fenômenos espíritas** – 1864
11. **Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo** (segunda edição – O Evangelho segundo o Espiritismo) – 1865
12. **Coleção de composições inéditas extraídas do Evangelho segundo o Espiritismo** -1865
13. **O Céu e o Inferno** – 1865
14. **Coleção de preces espíritas** – 1865
15. **Estudo acerca da poesia medianímica** – 1867
16. **Caracteres da revelação espírita** – 1868
17. **A Gênese** – 1868
18. **Obras Póstumas** – 1890
19. **Revista Espírita** – publicação periódica



REVISTA ESPÍRITA



Allan Kardec recebeu, de todos os lados, relatórios de extraordinários fatos espíritas, cartas interrogando sobre esse e aquele ponto da doutrina, visitas inesperadas de pessoas que ansiavam pelos esclarecimentos maiores. Tudo isso, fez *Allan Kardec* perceber a necessidade urgente de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos espíritas a par do que se passava no mundo e que metodicamente, os instrísse sobre as mais variadas questões doutrinárias.

Em 15.11.1857, *Allan Kardec* consulta seus guias, através da médium *Ermance Dufaux*; foi aconselhado que perseverasse no seu propósito e que não se intimidasse ante as dificuldades e que teria tempo para tudo: “Cumpra-lhe dispense todo o cuidado, a fim de assentares as bases de um bom e durável êxito. Ao apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer, porquanto, a primeira impressão pode decidir seu futuro. É mister, sobretudo no princípio que cuides de satisfazer à própria curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, por isso que, sem ela, o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio de variedade e reunir a instrução sólida ao interesse. Ele então será, para trabalhos ulteriores, poderoso auxiliar”.

Finalmente em 01/01/1858 saía o primeiro número da Revista Espírita. Não tinha um único assinante e nem a ajuda de algum capitalista. Tudo se fizera com os recursos pecuniários do próprio fundador *Allan Kardec*.

Diz-nos *Kardec*; “Publiquei-o declarou ele mais tarde – correndo eu exclusivamente, todos os riscos, e não tive de que me arrepender, porquanto o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1/01, os números se sucederam sem interrupção e, como previra o Espírito, esse jornal se me tornou poderoso auxiliar”.

Ao título Revista Espírita – *Kardec* acrescentou o sub-título – Jornal de Estudos Psicológicos – considerando que o Espiritismo igualmente estuda a alma humana, suas faculdades e sentimentos, seu modo de vida e de relação.

Esse periódico ao ser editado pela primeira vez apareceu com 36 páginas inteiras; teve seus escritórios instalados na residência de *Kardec*, então à Rua: *Mártires*, 8.

Na “Introdução”, ao primeiro número, *Kardec* esclareceu os objetivos da Revista e traçou diretrizes por onde ela se guiaria. Em menos de um ano, a Revista Espírita estava espalhada por todos os continentes do Globo. Ampliando rapidamente o círculo de simpatia e admiração entre todos os espíritas, a Revista Espírita se firmou definitivamente como líder jornalístico da Nova Revelação.

Allan Kardec freqüentemente aproveitava as notícias da imprensa diária, mesmo as que não tivessem relação alguma com o Espiritismo, para comentá-las sob o ângulo espírita, e, quando necessário, realizava a evocação de Espíritos que lançassem luz sobre diferentes aspectos dos fatos apresentados.

Seus biógrafos, *Wantuil e Thiesen*, narram na edição da FEB (1984) páginas 26-27-28-29-30-32 e 33, notáveis estudos e experiências de *Kardec* de fenômenos espíritas.

Entre centenas de comunicações obtidas na presença dele, havia um bom número do mais alto valor, focalizando temas históricos, literários, artísticos, científicos, filosóficos, religiosos, mas a maioria primava pelas elucidações de natureza doutrinária e moral, lançando luz sobre diversas questões obscuras.

Os diálogos mantidos com Espíritos de todas as categorias e diferentes graus de evolução, nas sessões da Sociedade Espírita de Paris, eram geralmente reproduzidos na Revista, a fim de servirem de ensino e orientações aos espíritas de todo o mundo. Dizia *Kardec* da necessidade de: “discernir nas respostas (dos Espíritos) nuances que, muitas vezes, são traços característicos, revelações importantes, que escapam ao observador superficial inexperiente ou ocasional”.

Embora lhe fosse pesada tarefa, *Kardec* dirigiu a Revista Espírita, por quase 12 anos, por ela se responsabilizando sozinho; enfrentou incessantemente as mais ásperas lutas, as mais violentas tempestades, a fim de deixar aos continuadores de sua querida revista um campo menos árduo e de horizontes mais bem definidos.

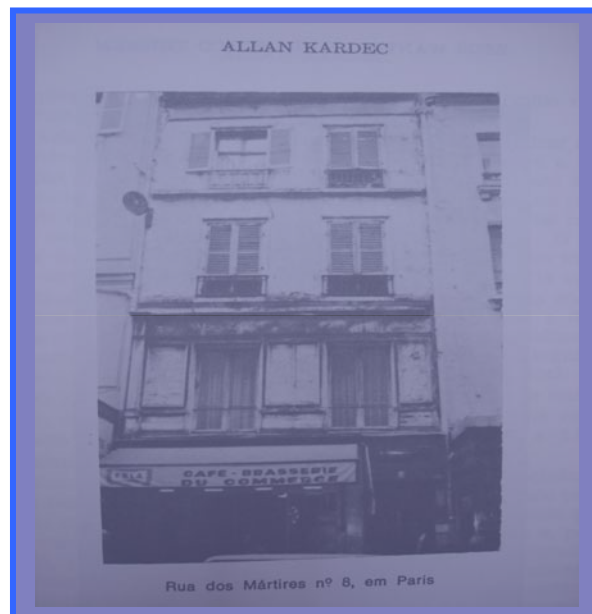
De certa forma, pode-se dizer, com o próprio *Kardec*, que a Revista Espírita é, nos seus primeiros dez anos, o ‘**COMPLEMENTO E DESENVOLVIMENTO**’ da obra doutrinária por ele começada em 1857, e tanto isso é verdade que nos livros da codificação se deparam trechos inteiros e até mesmo capítulos anteriormente publicados na revista, que a partir de 1913, tomaria o nome de A Revista Espírita.

Centenas de colaboradores, de várias nações, entre encarnados e desencarnados, entre sábios e eruditos, cientistas, filósofos e literatos espíritas e não espíritas, levantaram com *Kardec* e após *Kardec*, a admirável pirâmide mais de 100 volumes da Revista Espírita, pirâmide que encerra a força e a beleza, indestrutíveis do Espiritismo, nos seus 3 aspectos: ciência, filosofia e religião.

SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada em 01/04/1858, por *Allan Kardec* a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, representando importante papel na marcha do Espiritismo.

Havia 6 meses que reuniões de estudo se faziam na *casa de Kardec, na rua dos Mártires, 8*. “Eram saraus íntimos de 8 a 10 pessoas”. Mas devido ao espaço na residência de *Kardec*, impossibilitando comportar o crescente número de estudiosos que ali compareciam, fez que alguns dos assistentes levantassem a idéia de se fundar uma sociedade espírita, em local mais amplo. A médium principal naquelas reuniões era a Srta. *Ermance Dufaux*.



Allan Kardec foi elevado à presidência da nova sociedade, aos trabalhos da qual imprimiu uniforme e metódica direção, dentro da mais severa vigilância.

De acordo com seu regulamento, anexo ao O Livro dos Médiuns, no cap. XXX, a Sociedade tinha por objeto “o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. Quando havia experiências, estas jamais visavam à curiosidade, objetivando apenas a observação, o estudo e a confirmação de princípios admitidos.

Havia dois tipos de sessões: gerais e particulares, e nunca foram públicas, pelo menos no tempo de *Kardec*. As gerais admitiam-se, temporariamente, assistentes convidados ou ouvintes recomendados.

O Mestre fazia cumprir à risca o regulamento, um dos motivos que a levou a progredir rapidamente em importância aos olhos do mundo. Jamais cedeu a nenhum incitamento tendente a fazê-la desviar do caminho da prudência. “Reunimo-nos – escrevia ele – para o estudo e a observação e não para transformar nossas reuniões em arena de controvérsias”. Isto ele dizia a propósito da rigorosa escolha que se procedia na admissão de novos membros.

Quando certas manifestações mediúnicas apresentavam aspectos deveras interessantes e curiosos, *Kardec* as levava a debate nas sessões da Sociedade, com o propósito de ampliar conhecimentos, estabelecer conceitos novos e confirmar princípios doutrinários.

Foram muitos os médiuns que ao tempo de *Kardec* serviram na Sociedade, quase todos psicógrafos. Não era raro reunirem-se ao mesmo tempo, cerca de 10 a 12 médiuns.

O “presidente espiritual” da Sociedade era o Espírito São Luís. Os sábios conselhos desse Espírito preservaram a Sociedade de vários perigos, e sua proteção pode ser comprovada por diversas vezes. Apesar disso, Allan Kardec debatia com ele certas respostas e até mesmo discordava de outras não muito claras ou precisas, o que levava o Espírito a reescrevê-las. Essas discordâncias igualmente se manifestavam, às vezes, com outros Espíritos não menos elevados. Era comum São Luís fornecer explicações acerca de vários assuntos, solicitados pelo Codificador. Este, em muitos casos, já tinha a sua opinião mais ou menos formada, mas o Espírito São Luís, ao ser consultado, apresentava outra, mais simples e racional, que a tornava preferível. Isto vem provar, como o próprio *Kardec* assinalou mais de uma vez, “que os médiuns não são o reflexo do pensamento de quem interroga”.

Ficara estabelecido que certas comunicações, aí seriam submetidas ao exame crítico, a fim de que os Espíritos esclarecessem e desenvolvessem os pontos meio obscuros. Em diversas oportunidades, *Kardec* martelou os Espíritos comunicantes com perguntas baseadas no texto da dissertação.

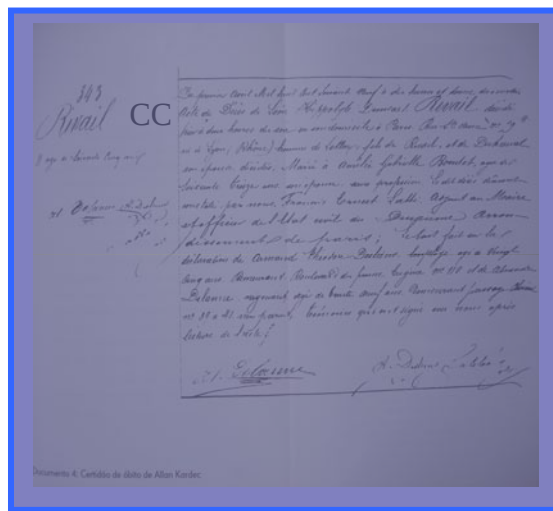
Acontece que, discutindo o teor das comunicações recebidas, *Kardec* desagradou, algumas vezes, certos médiuns que se consideravam intérpretes infalíveis dos Espíritos. Contrariados e inconformados com essa análise das mensagens mediúnicas, deixavam a Sociedade. “Aos olhos – escrevia ele – os obsediados são aqueles que não se inclinam ante suas comunicações”.

A partir de 1861, o nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, foi simplificado, para Sociedade Espírita de Paris.



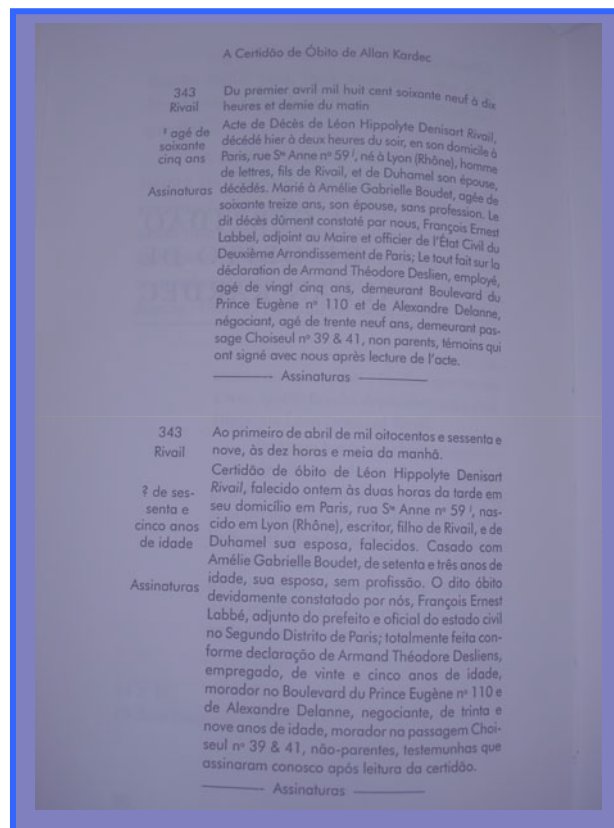
Henri Sausse, faz referências aos grandes e variados encargos de *Allan Kardec*, aos esforços físicos e intelectuais, que já vinha prejudicando a saúde.

Desencarnou Allan Kardec, em 31 de março de 1869, em Paris, com a idade de 65 anos incompletos. Estava ele ultimando os preparativos de mudança, quando, entre onze e doze horas, ao atender um caixeiro de livraria, caiu pesadamente ao solo, fulminado pela ruptura de um aneurisma.

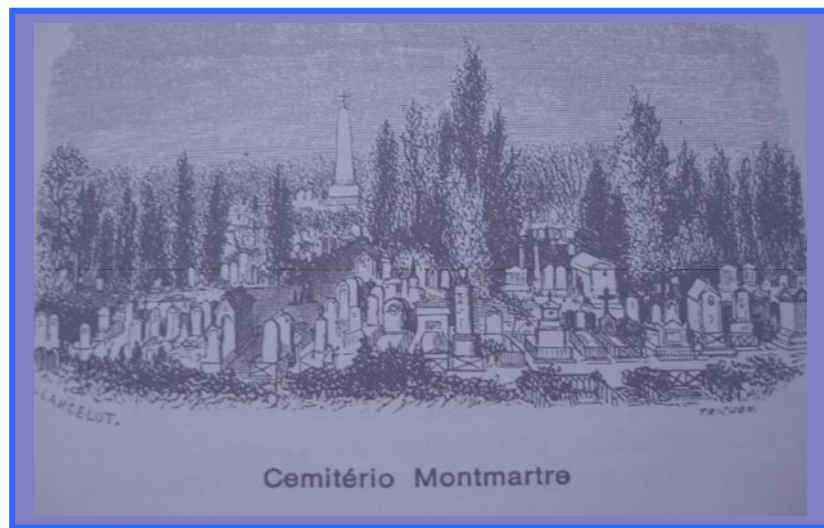


Certidão de óbito tradução

Allan Kardec



Precisamente ao meio dia de 2 de abril de 1869, modesto coche funerário, seguido de confrades mais íntimos de *Kardec*, por seus membros e médiuns da Sociedade de Estudos de Paris, e por uma multidão de amigos e simpatizantes, a todo 1.000 a 1.200 pessoas, punham-se em marcha, rumo ao *Cemitério Montmartre*, o mais antigo de *Paris*, onde nova massa de povo já estava concentrada.



Cimetério Montmartre

Depois que o Sr. Levent fez prece junto à tumba de Kardec, tomou a palavra o sábio astrônomo *Camille Flammarion*, numa oratória brilhantíssima que magnetizou, por cerca de meia hora, todas as pessoas presentes ao sepultamento, das mais altas classes sociais às mais humildes.

Camille Flammarion consignava para a posteridade: “Ele era o que denominarei simplesmente o bom senso encarnado”. E finalizando seu discurso: “Até à vista, meu caro *Allan Kardec*, até à vista!”.

Outros oradores se sucederam ante a tumba da grande figura do século XIX, nenhum deles, porém, se extravasando em acentos fúnebres ou desesperados, pois a morte, para os espíritas, é libertação, continuidade, vida nova.

Ficou estabelecido, de comum acordo com Madame *Allan Kardec*, que a maneira mais racional de simbolizar o homem que foi a simplicidade encarnada seria levantar-lhe um monumento por excelência simples, e que recordasse também o pseudônimo gaulês – *Allan Kardec*. Foram então buscar no passado, entre os monumentos sepulcrais célticos ou druídicos, simples como os povos primitivos que os elevaram aos seus mortos, a representação do túmulo de *Kardec*.

Projetada a construção de um dólmen que, no fundo, figurava simplicidade, universalidade e eternidade, escolheu-se no *Cimetério Père-Lachaise*, um terreno na 44 divisão, a uma altitude de onde se domina todo o campo de repouso.



Cemitério Père-Lachaise

Espíritos como *Allan Kardec*, portadores de uma bagagem intelectual, espiritual e moral dificilmente sondável pelo metro comum, a despeito de identificadas as nossas percepções com os vastos conhecimentos humanos e doutrinários que a Doutrina dos Espíritos nos proporciona, hão de reduzir-se na sua condição de luminares, para revestir, ao longo dos séculos, novas indumentárias carnaís.

Carta do Sr, *Muller*, grande amigo de *Kardec* e sua esposa, para o Sr. *Finet*, de *Lyon*, comunicando a morte de *Kardec*:

“Ele morreu esta manhã, entre onze e doze horas, subitamente ao entregar um número da Revista a um caixeiro de livraria que acaba de comprá-lo; ele se curvou sobre si mesmo, sem proferir uma única palavra: estava morto.

Sozinho em sua casa, *Kardec* punha em ordem livros e papéis para a mudança, que se vinha processando e que deveria terminar amanhã. Seu empregado, aos gritos da criada e do caixeiro, acorreu ao local, ergue-o...nada, nada mais. *Dellane* acudiu com toda a presteza, friccionou-o, magnetizou-o, mas em vão. Tudo estava acabado.

Venho vê-lo. Penetrando a casa, com móveis e utensílios diversos atravancando a entrada, puder ver, pela porta aberta da grande sala de sessões, a desordem que acompanha os preparativos da mudança de domicílio; introduzido numa pequena sala de visitas, que conheceis bem, com seu tapete encarnado e seus móveis antigos, encontrei a Sra. *Kardec* assentada no canapé, de face para a lareira; ao seu lado, o Sr. *Dellane*; diante deles, sobre dois colchões colocados no chão, junto à porta da pequena sala de jantar, jazia o corpo, restos inanimados daqueles que todos amamos. Sua cabeça, envolta em parte por um lenço branco atado sob o queixo, deixava ver toda a face, que parecia repousar docemente e experimentar a suave e serena satisfação do dever cumprido.

Nada de tétrico marcara a passagem de sua morte; se não fora a parada da respiração, dir-se-ia que estava dormindo.

Cobria-lhe o corpo uma coberta de lã branca, que, junto aos ombros dele, deixava perceber uma gola de robe de chambre, a roupa que ele vestia quando fora fulminado; a seus pés como que abandonadas, suas chinelas e meias pareciam possuir ainda o calor do corpo dele.

Tudo era triste, e, entretanto, um sentimento de doce quietude penetrava-nos a alma; tudo na casa era desordem, caos, morte, mas tudo aí parecia calmo, risonho, doce, e, diante daqueles restos, forçosamente meditamos no futuro “.

A desencarnação de *Allan Kardec* foi uma perda irreparável para o mundo espírita.



Carlos Imbassahy – no livro: *A Missão de Allan Kardec* – “*Allan Kardec* foi o escolhido para tão elevada missão, como a de Codificador, justamente pela nobreza de seus sentimentos e, pela elevação do seu caráter, tudo aliado a uma sólida inteligência.

Ele sujeitava os seus sentimentos, os seus pendores, à reflexão. Tudo era submetido ao poder da lógica. Só aceitava o que havia verificado e comprovado, dentro dos estudos que procedia.

Filósofo, benfeitor, idealista, dado às idéias sociais, possuía, ainda um coração digno do seu caráter e do seu valor intelectual. Estava sempre disposto ao socorro, ao amparo, sem que a mão esquerda soubesse o que fazia a direita. A caridade para ele não era mero princípio; ele não a praticava com frieza do sectário, nem mesmo por simples dever, mas pelo profundo amor que dedicava a seu semelhante.

Kardec encarou a tempestade, tomou a bússola que lhe davam os Espíritos Superiores e rumou, por mares até então desconhecidos ou pouco vislumbrados, para as terras onde brilhava o sol da Fraternidade”.

Léon Denis – Páginas de *Léon Denis* – *Sylvio Brito Soares* – “Graças a ti, *Kardec* disse ele, graças à tua obra, após vinte séculos de silêncio e esquecimento a fé

das antigas eras surge na terra das Gálias e, um raio de luz vem dissipar as sombras do materialismo e da superstição. Druida reencarnado, tu nos revelaste este grande pensamento sob nova forma, acomodada às exigências da nossa época”.

Léon Denis – O Problema do Ser, do Destino e da Dor – “” Todos aqueles que seguem com atenção o desenvolvimento dos estudos psíquicos, podem verificar que os resultados adquiridos vieram confirmar em todos os pontos e fortalecer cada vez mais a obra de *Kardec* ““”.

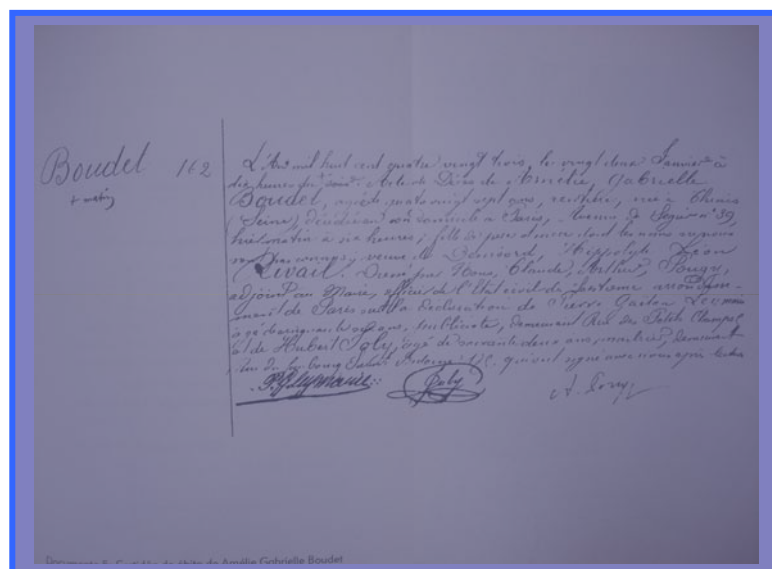
Herculano Pires – O Espírito e o Tempo – “De um lado o Espírito da Verdade se apresentava aos homens, à frente de elevadas entidades espirituais, que voltavam a Terra para completar a obra do Cristo; de outro lado *Allan Kardec* se colocava a postos, à frente de criaturas espiritualizadas, dispostas a colaborar na imensa tarefa. O Céu e a Terra se encontravam e se davam às mãos. A Falange do Consolador não era apenas uma graça que descia do alto, mas também uma equipe de trabalhadores humanos, que se eleva para recebê-la. A própria intimidade, logo estabelecida entre o Espírito da Verdade e *Allan Kardec*, as relações afetivas que se desenvolveram entre ambos, prolongando-se na consolidação de uma profunda confiança espiritual, através de 15 anos de intensa atividade, é suficiente para mostrar-nos quanto se acham integrados no mesmo esforço, para a consecução do mesmo objetivo. Se o Espírito da Verdade comandava, por assim dizer, as atividades do plano espiritual, *Allan Kardec* fazia o mesmo no plano material “““.

Amélie Boudet, que partilhara com admirável resignação as desilusões e os infortúnios do esposo, suportaria agora qualquer realidade mais dura. Tinha a seu favor os cabelos nevados pelos seus 74 anos de uma existência bem vivida e a alma sublimada pelos ensinamentos dos Espíritos Superiores. Ante a partida do querido companheiro para a Espiritualidade, portou-se como verdadeira espírita, cheia de fé e estoicismo, conquanto, como é natural, abalada no profundo do ser.

Intrigas, traições, insultos, ingratidões cercaram o ilustre Codificador, mas em todos os momentos de provas e dificuldades sempre encontrou, no terno afeto de sua nobre esposa, amparo e consolação.

Em 1865, *Kardec* não esqueceu de lembrar o quanto devia a *Amélie Boudet* “minha mulher aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa, como o faz ainda, através de um trabalho freqüentemente acima de suas forças, sacrificando, sem pesar, os prazeres e as distrações do mundo aos quais sua posição de família havia habituado”.

Muito ainda fez essa extraordinária mulher em prol do Espiritismo e de todos quantos lhe pediam um conselho ou uma palavra de consolo, até que em 21/01/1883, às 5 horas, docemente, com rara lucidez de espírito, com aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brincava nos lábios, desatou-se dos últimos laços que a prendiam na matéria.



Certidão de óbito - *Amélie Boudet*

A Certidão de Óbito de Amélie Gabrielle Boudet	
Boudet 162	L'an mil huit cent quatre vingt trois, le vingt deux Janvier à dix heures du ⁺ soir. Acte de Décès de Amélie Gabrielle Boudet, agée de quatre ving sept ans, rentière, née à Thiais (Seine), décédée en son domicile à Paris, Avenue de Segur n° 39, hier ⁺ matin à six heures; fille de père et mère dont les noms ne nous sont pas connus; veuve de Denisard, Hippolyte Léon Rivail. Dressé par nous, Claude Arthur Pougy, adjoint au Maire, officier de l'État civil du septième arrondissement de Paris, sur la déclaration de Pierre Gaëtan Leymarie, agé de cinquante six ans, publiciste, demeurant Rue des Petits Champs 5 et de Hubert Joly, agé de soixante deux ans, marbrier, demeurant Rue du Faubourg Saint Antoine 175, qui ont signé avec nous après lecture.
Assinaturas	
Boudet 162	Ano de mil oitocentos e oitenta e três, vinte e dois de janeiro, às dez horas da ⁺ tarde. Certidão de óbito de Amélie Gabrielle Boudet, de oitenta e sete anos de idade, capitalista, nascida em Thiais (Seine), falecida em seu domicílio em Paris, avenida de Segur, n° 39, ontem às seis horas da manhã; filha de pai e mãe cujos nomes são desconhecidos, viúva de Denisard, Hippolyte Léon Rivail. Redigida por nós, Claude Arthur Pougy, adjunto do prefeito, oficial do estado civil do sétimo distrito de Paris, conforme declaração de Pierre Gaëtan Leymarie, de cinquenta e seis anos de idade, publicitário, morador na rua des Petits Champs, 5, e de Hubert Joly, marmorista, morador na rua du Faubourg Saint Antoine, 175, que assinaram conosco após leitura.
Assinaturas	

Tradução

A querida velhinha tinha então 87 anos, e nessa idade, contam os que a conheceram, ainda lia sem precisar de óculos e escrevia ao mesmo tempo corretamente e com letra firma.

De acordo com seus próprios desejos, o enterro de *Madame Allan Kardec*, foi simples, e foi enterrada junto ao dólmen de *Kardec*.

“NASCER, MORRER, RENASCER AINDA, E PROGEDIR SEMPRE, TAL É A LEI”.



Monumento em homenagem a *ALLAN KARDEC*, inaugurado em 18 de abril de 2005, as margens do Rio Rhone, em Lyon.

BIBLIOGRAFIA:

- *Allan Kardec* – Volume I – II e III. – **ZÊUS WANTUIL e FRANCISCO THIESEN** - Editora FEB.
- Para entender *Allan Kardec* - **DORA INCONTRI** – Editora *Lachâtre*.
- *Allan Kardec –Análise de Documentos Biográficos* – **JORGE DAMAS MARTINS e STENIO MONTEIRO DE BARROS** - Editora *Lachâtre*.
- *O Espírito e o Tempo* – **Herculano Pires** – Editora Edicel
- *A Missão de Allan Kardec* – **Carlos Imbassahy** – Editora FEP
- *Páginas de Leon Denis* - **Sylvio Brito Soares** – Editora FEB
- *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* – **Léon Denis** – Editora FEB
- *Allan Kardec* – Volume I. – **ZÊUS WANTUIL e FRANCISCO THIESEN** – Editora FEB.

Obras Póstumas
Revista Espírita